

	NOME:	
	DATA: ___/___/___	TRABALHO DE RECUPERAÇÃO 1º TRIMESTRE
	DISCIPLINA: LITERATURA	VALOR: 12,0
	PROFESSORA AMANDA MENDES	NOTA:

ORIENTAÇÕES

- Faça seu trabalho com capricho e dedicação.
- Evite rasuras e uso do corretivo.
- Questões incompletas, em branco ou com erros ortográficos serão penalizadas com a perda de pontos.
- Verifique se não ficou nenhuma questão sem resposta.

Sobre **poema**, responda as questões abaixo.

QUESTÃO 01- Qual é a diferença entre poema e poesia?

QUESTÃO 02- O que é eu lírico e qual é a importância dele em um poema?

QUESTÃO 03- Qual a diferença entre um poema e uma narrativa? Descreva como é estrutura de um poema.

QUESTÃO 04- O que é rima? Esse recurso é obrigatório na construção de um poema? Justifique sua resposta.

Leia:

A LUA NO CINEMA

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava pra ela,
e toda a luz que tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
Amanheça, por favor!

LEMINSKI, Paulo**QUESTÃO 05-** Quantos versos e quantas estrofes há no poema?

QUESTÃO 06- Como o poeta descreve a estrela?

QUESTÃO 07- “Amanheça, por favor!”, transmite qual ideia?

Leia este poema, de Marina Colasanti:

Vou, vôo, e volto

Cavalo de vento
cavalo de ar
salto na sela
e vou galopar

Galopo na praia
galopo no mar
a crina é uma vela
que faz navegar

Navega na onda
navega no sal
a vela abre asa
me leva a voar

Voando no alto
começo a cansar
ao ver minha casa
já quero voltar.

QUESTÃO 08- Classifique o eu lírico presente na poesia e justifique a resposta.

QUESTÃO 09- Nesse poema, qual a intenção do eu lírico?

QUESTÃO 10- Defina **mito** e cite suas características.

QUESTÃO 11- Um adjetivo foi apagado na segunda frase do primeiro parágrafo. Levando em conta a palavra também, da frase seguinte, formule uma hipótese sobre qual era esse adjetivo e preencha a lacuna deixada no texto.

1 Vimos que o mito é uma forma muito antiga de explicação da realidade. Mas não é a _____ . Para explicar os fenômenos naturais e sua própria existência, os seres humanos também se valem da Ciência.

2 Ao contrário dos mitos, que utilizam histórias simbólicas para responder às questões fundamentais da humanidade, as explicações científicas são baseadas em dados concretos, métodos rigorosos e argumentos lógicos.

3 Os arqueólogos e os historiadores utilizam vestígios e indícios (dados concretos) e métodos próprios para conhecer o passado, e por isso são considerados cientistas.

4 O aperfeiçoamento da Ciência não fez a mitologia perder sua importância. Enquanto as pesquisas científicas oferecem a cada dia novas descobertas e teorias, os mitos continuam a oferecer explicações baseadas na crença em forças superiores ao homem e que podem revelar muito a respeito do povo que os criou.

Vocabulário

Simbólico: elemento descritivo ou narrativo que pode assumir mais de um significado; aquele que permite fazer mais de uma leitura e interpretação.

QUESTÃO 12- Descreva como se apresenta, geralmente, o foco narrativo de um **mito**.

Leia:

O mito é parte integrante da história da humanidade.

“Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida. Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira é a função mística – e é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa, mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifeste. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo. O que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada. A terceira função é sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda mitologia da monogamia. Ambas satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e está desatualizada. A quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-nos isso.”

(CAMPBELL, J. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athenas, 1990. P. 32).

QUESTÃO 13- De acordo com o texto, o que é mito?

O texto abaixo serve de suporte para as questões 14 e 15.

A PRINCESA E A ERVILHA

Adaptado do conto de Hans Christian Andersen

Era uma vez um príncipe que queria se casar com uma princesa, mas uma princesa de verdade, de sangue real meeeeeesmo. Viajou pelo mundo inteiro, à procura da princesa dos seus sonhos, mas todas as que encontrava tinham algum defeito. Não é que faltassem princesas, não: havia de sobra, mas a dificuldade era saber se realmente eram de sangue real. E o príncipe retornou ao seu castelo, muito triste e desiludido, pois queria muito casar com uma princesa de verdade.

Uma noite desabou uma tempestade medonha. Chovia desabaladamente, com trovoadas, raios, relâmpagos. Um espetáculo tremendo! De repente bateram à porta do castelo, e o rei em pessoa foi atender, pois os criados estavam ocupados enxugando as salas cujas janelas foram abertas pela tempestade.

Era uma moça, que dizia ser uma princesa. Mas estava encharcada de tal maneira, os cabelos escorrendo, as roupas grudadas ao corpo, os sapatos quase desmanchando... que era difícil acreditar que fosse realmente uma princesa real. A moça tanto afirmou que era uma princesa que a rainha pensou numa forma de provar se o que ela dizia era verdade. Ordenou que sua criada de confiança empilhasse vinte colchões no quarto de hóspedes e colocou sob eles uma ervilha. Aquela seria a cama.

A moça estranhou a altura da cama, mas conseguiu, com a ajuda de uma escada, se deitar.

No dia seguinte, a rainha perguntou como ela havia dormido.

— Oh! Não consegui dormir — respondeu a moça, — havia algo duro na minha cama, e me deixou até manchas roxas no corpo!

O rei, a rainha e o príncipe se olharam com surpresa. A moça era realmente uma princesa! Só mesmo uma princesa verdadeira teria pele tão sensível para sentir um grão de ervilha sob vinte colchões!!!

O príncipe casou com a princesa, feliz da vida, e a ervilha foi enviada para um museu, e ainda deve estar por lá...

Acredite se quiser, mas esta história realmente aconteceu!

O costume de narrar textos e contar histórias é muito antigo. Chamamos de textos narrativos aqueles que contam uma dada história. O conto “A princesa e a ervilha” narrou a história de um príncipe que desejava casar-se como uma verdadeira princesa. Para compor essa história, o autor fez uso de vários elementos.

QUESTÃO 14- Quais elementos compõem a narrativa? Cite pelo menos 4 (quatro).

QUESTÃO 15- A última oração da história diz “Acredite se quiser, mas esta história realmente aconteceu.” Você acredita que essa história seja verdadeira? Por quê?

QUESTÃO 16- Leia o texto a seguir.

Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

- A senhora tem um jardim deslumbrante, dona Irene! – comenta Sílvia, maravilhada diante dos canteiros de rosas e hortênsias.

- Para começar, deixe o “senhora” de lado e esqueça o “dona” também – diz Irene, sorrindo. – Já é um custo aguentar a Vera me chamando de “tia” o tempo todo. Meu nome é Irene.

Todas sorriem. Irene prossegue:

- Agradeço os elogios para o jardim, só que você vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.

BAGNO, M. *A língua de Eulália: Novela Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003 (Adaptado)

As formas de tratamento “dona” e “senhora”, usadas por Sílvia para se referir a Irene, sugerem que entre elas há diferenças de classe, idade, nacionalidade ou profissão? Justifique sua resposta.

Leia o texto a seguir e responda às questões 17 e 18.

Furto de flor

Furtei uma flor daquele jardim. O porteiro do edifício cochilava e eu furtei a flor.

Trouxe-a para casa e coloquei-a no copo com água. Logo senti que ela não estava feliz. O copo destina-se a beber, e flor não é para ser bebida.



Passei-a para o vaso, e notei que ela me agradecia, revelando melhor sua delicada composição. Quantas novidades há numa flor, se a contemplarmos bem.

Sendo autor do furto, eu assumira a obrigação de conservá-la. Renovei a água do vaso, mas a flor empalidecia. Temi por sua vida. Não adiantava restituí-la ao jardim. Nem apelar para o médico de flores. Eu a furtara, eu a via morrer.

Já murcha, e com a cor particular da morte, peguei-a docemente e fui depositá-la no jardim onde desabrochara. O porteiro estava atento e repreendeu-me:

– Que ideia a sua, vir jogar lixo de sua casa neste jardim!

ANDRADE, Carlos Drummond. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p. 88.

Narrador é aquele que conta a história, atuando como um mediador entre a história e o leitor/ouvinte.

QUESTÃO 17- Como é classificado o narrador do conto?

QUESTÃO 18- Comprove a resposta anterior com um trecho do texto.

O batizado da bruxinha

A cozinheira perdeu o marido e tinha uma filha de oito anos para criar. Pediu que aceitássemos a menina como dependente. No primeiro domingo em nossa casa, a tarde era chuvosa e triste como num conto de Dickens. Ela começou a chorar na orfandade recente. Não sabíamos o que fazer para consolar a garota.

O pai dormira após o almoço e, ao acordar, fez o que mais gostava de fazer: tomou providências. A menina tinha como único brinquedo uma bruxinha de pano, desengonçada e triste como ela. O pai perguntou se a bruxinha já tinha sido batizada. Não. Era pagã, como todas as bruxas.

Botou então a gente para cortar papel fino colorido e fez fileiras de bandeirinhas de festa junina, com elas enfeitou as salas de visita e de jantar. Foi na despensa, apanhou uma lata de goiabada, cortou-a em tabletes e pulverizou neles uma mistura de canela e açúcar cristalizado. Fez pequeninas rodela de papelão de diversas cores, passou-as num palito, espetando-o naquilo que chamou de "majestoso canapé de goiaba". Espremeu dúzias de limão, acrescentou um pouco de vinho tinto de garrafão, obtendo uma sangria igualmente majestosa. Ficou uma delícia.

Pegou um vestido preto que minha mãe usara quando perdera uma irmã e adotara luto fechado, mais tarde aliviado, como era de costume na época. Vestido de padre, com um livro encadernado de Eça na mão, fazendo o papel de missal, tendo a mãe como madrinha, meu irmão mais velho como padrinho e eu como sacristão, o pai batizou a bruxinha em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Obrigou o meu irmão a renunciar por ela o Diabo, o Mundo e a Carne. Depois deu início à comilança, reforçada à última hora por uma caixa de bombons que ele guardara para nos dar na Páscoa que se aproximava.

De olhos arregalados, a menina parou de chorar e olhava para o pai com espanto maior do que a sua dor.

CONY, Carlos Heitor. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro. Objetiva. 2009

QUESTÃO 19- A crônica é um gênero textual narrativo. É o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo. É a narração de um fato do cotidiano das pessoas, algo que pode acontecer com qualquer pessoa. A narração da crônica *O batizado da bruxinha* tem como fato desencadeador (clímax) qual acontecimento?

Leia com atenção e responda ao que se pede.

Durante 18 anos, eu tive uma livraria infantil. De vez em quando, chegavam uns pais ou avós com a mesma queixa: “O Joãozinho não gosta de ler, o que é que eu faço?” Como eu acho que o ser humano é curioso por natureza e qualquer pessoa alfabetizada fica doida pra saber o segredo que tem dentro de um livro (desde que ninguém esteja tentando lhe impingir essa leitura feito remédio amargo pela goela abaixo), não acredito mesmo nessa história de criança não gostar de ler. Então, o que eu dizia naqueles casos não variava muito.

A primeira coisa era algo como “para de encher o saco do Joãozinho com essa história de que ele tem que ler”. Geralmente, em termos mais delicados: “Por que você não experimenta aliviar a pressão em cima dele, e passar uns seis meses sem dar conselhos de leitura?”

O passo seguinte era uma sugestão: “Experimente deixar um livro como este ao alcance do Joãozinho, num lugar onde ele possa ler escondido, sem parecer que está fazendo a sua vontade. No banheiro, por exemplo.”. E o que eu chamava de um livro como este, já na minha mão estendida em oferta, podia ser um exemplar de *O Menino Maluquinho*, do Ziraldo, ou do *Marcelo, Marmelo, Martelo*, da Ruth Rocha, ou de *O gênio do crime*, do João Carlos Marinho. Havia outros títulos que também serviam. Mas o fato é que, em 18 anos de experiência, NUNCA, nem uma única vez, apareceu depois um pai reclamando que aquela sugestão não tinha dado certo. Pelo contrário, incontáveis vezes o encontro seguinte já incluía um Joãozinho entusiasmado, comentando o livro lido e disposto a fazer novas descobertas.

MACHADO, Ana Maria. *Bom de ouvido*. In: VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 9-10.

QUESTÃO 20- O relato da autora baseia-se em qual experiência?

BONS ESTUDOS!